

Pela primeira vez, em mais de 30 anos, um número da revista *O que nos faz pensar* é dedicado a este que é talvez o mais enigmático e cativante fenômeno da existência humana: o amor. Expressão caríssima de toda a arte ocidental, experiência, a mais profunda, cuja presença foi, é e será sempre inevitável em cada um de nós, o amor é aqui revisitado sob a ótica experta da filosofia. Tema de inúmeras reflexões e debates, e nas mais variadas áreas do conhecimento, —e aqui lembramos a especial relevância que no decorrer dos séculos o assunto ganhou entre os estudiosos da Psicologia e da Psicanálise— foi, contudo, a Filosofia que primeiro pensou de maneira sistemática o amor. Entre os pensadores pré-socráticos, Eros é uma força cósmica, é o que torna possível haver harmonia na discórdia, sentido que o próprio Platão relembra, no *Banquete*, tanto no discurso do médico Erixímaco, que se inspira em Heráclito, quanto no discurso socrático, quando a sacerdotisa Diotima o considera um *daimon*, um laço (σύνδεσμος) que une o todo a ele mesmo, intermediário (μεταξύ) de um mundo que foi metafisicamente cindido em dois. De fato, foi Platão, o primeiro a se perguntar sobre a natureza desse “acontecimento”, inicialmente no *Lísis*, ou sobre a *φιλία*, —palavra que, em grego, entretanto não quer dizer especificamente “amizade” e cuja abrangência recomenda que sua tradução mais correta seja justamente “Amor”, —e posteriormente, no *Banquete* e no *Fedro*, onde a *φιλία* é definitivamente substituída por Eros. No *Banquete*, como se sabe, a divindade de Eros é veementemente negada por Sócrates e Eros é transformado em mero desejo --a esse respeito tratei longamente em artigo publicado na revista *ἀρχαί* (n. 24, Sep. -Dec. 2018): “L'échec de l'amour philosophique. Une autre manière de lire *Le Banquet* de Platon”; no *Fedro*, Eros volta a ser um Deus, e um Deus cuja possessão é própria do filósofo --aqui, como no discurso de Alcibíades, no *Banquete*, Platão sugere que a Verdade (ἀλήθεια) pode ser alcançada também dionisiacamente, ie., através da

embriaguez e do transe. É a palavra de um sujeito absolutamente apaixonado; é, portanto, a palavra que se distancia daquela do filósofo para ser a mais espontânea expressão do amor. O ditado que sempre imaginamos latino (*in vino, veritas*) remonta na verdade aos gregos e é citado pelo próprio Alcibíades, no *Banquete* (217e): *se [...] no vinho [...] não estivesse a verdade*. Não há, principalmente depois do Fedro, filosofia sem Eros. Os artigos aqui publicados bem o demonstram. Mas há, desde os gregos até os nossos dias, o impacto de Eros sobre nossas vidas, a força invencível e persistente de um Deus, que o medo metafísico “informe e enraizado” em vão ameaçou extinguir.

Irley F. Franco